



360
por Jane Godoy
Graus

Por Jane Godoy • janegodoy.df@dabr.com.br

"Como encontrar palavras para descrever a inauguração de Brasília? Minhas mãos tremem de emoção e os olhos ficam embaçados...Mas todos merecem conhecer o relato de um dia que significou tanto para a história e o futuro de nosso país — que nunca mais foi o mesmo: passou da era da carroça para a era industrial!"

Mercedes Urquiza

Carta aberta para uma aniversariante ilustre

Minha amada Brasília,

Chegamos a mais um dia que faz voltar nosso pensamento não para uma pessoa aniversariante, mas para uma cidade de concreto e toneladas de ferro, que foi erguida a partir do sonho de um mineiro idealista, que não pensava em si mesmo, mas na coletividade, com a certeza de que poderia se beneficiar com tamanha audácia, certeza e autoconfiança: Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Eu era uma menina e observava a empolgação de meu pai e de seus amigos com a possibilidade de presenciarmos uma mudança tão radical, que seria a transferência da capital do país para o que na época era um lugar desconhecido no mapa mais a expectativa do que iria acontecer. Envolvei-me de tal maneira com essa história fantástica que até hoje me emociono e me empolgo.

Eu queria muito, num dia como hoje, festejar, aplaudir e enaltecer você, Brasília, pelo seu aniversário, mas aprendi a lição com JK, ou seja, ter a visão voltada para o futuro e continuar sonhando com dias melhores, que nos levem a celebrar de coração aberto e sem a visão que muito me incomoda e me entristece, mesmo você não tendo culpa ou responsabilidade alguma. Preste bem atenção nisto.

Como eu gostaria de sentir uma felicidade completa e não consigo, sinto-me no dever de enumerar aqui o que falta para você se tornar uma cidade feliz e completa para todos aqueles que deixaram suas raízes para vir fincá-las aqui, como eu.

Minha Brasília querida, berço de meus filhos e netos. Uma cidade feliz é aquela que não tem em suas principais e importantes vias a tristeza de assistir ao surgimento de verdadeiras "cidades" de barracas, lixo e pessoas tentando sobreviver naqueles lugares e daquela forma, sob o sol ou as chuvas torrenciais, com crianças e animais,

Aureliza Corrêa/CB/D.A Press



Jane Godoy/CB/D.A Press



Aureliza Corrêa/CB/D.A Press



num assustador crescimento a cada dia, porque não podemos visualizar um serviço social que consiga acabar com aquele estado de coisas. E, principalmente, sem uma perspectiva de trabalho e qualificação que os prepare para a vida.

Como ser feliz passando por viadutos movimentados e ver os "apartamentos" surgindo a cada dia sob os robustos pilares de concreto dos viadutos, à beira das pistas de rolamento com seres humanos vivendo na miséria, sem trabalho, sem condição de moradia decente, sem perspectiva de futuro, jogados ali como objetos descartáveis e invisíveis, já que me parece que ninguém os enxerga.

Como achar que vivemos numa cidade feliz se não conseguimos completar a rede de metrô, deixando milhares e milhares de pessoas se arrastando nos pontos de ônibus lotados, quando poderiam estar em suas casas na Asa Norte, Lago Norte e Sul, Sobradinho, até em Luziânia (com a parceria com Goiás), onde vivem milhares de pessoas que se deslocam para Brasília, São Sebastião e Paranoá, em poucos minutos? Brasília é uma cidade de topografia praticamente plana, e um eficiente metrô de superfície tiraria algumas centenas de carros da rua e agilizaria a vida dos brasilienses. Ao invés de construir viadutos que, além de suas

obras custosas, lentas e demoradas, em pouco tempo estarão obsoletos e congestionados como antes.

Uma cidade feliz é aquela que se preocupa com o futuro de seus moradores, cuidando da educação e com a geração de empregos, tirando os menores da rua e incentivando as empresas a instalar programas para menores aprendizes, com a condição de apresentarem boletins escolares.

Uma cidade feliz é aquela onde não é permitido o aterramento das milhares de nascentes para favorecer a especulação imobiliária, o que traz sérias consequências para o meio ambiente e, como se isso não tivesse a menor importância e meios de solucionar, contornar e preservar, continuam agindo como se fosse um terreno inóspito.

Uma cidade feliz é aquela que é ligada às demais regiões do Brasil por ferrovias de alta velocidade, conectando-a aos principais portos de escoamento de grãos e outros produtos e que levam também passageiros, como acontece em países que, bem menores do que o nosso, um verdadeiro continente, conseguem resolver tudo isso, em favor da população trabalhadora.

Uma cidade feliz não permite que jovens e adultos, por lazer ou por necessidade, tornem-se símbolo do descaso para com os ciclistas,

obrigados a pedalar em pistas e acostamentos movimentados. Desrespeitados e mortos são reverenciados em ghost bikes que "enfeitam" a cidade por todos os lados por onde passamos, entristecendo famílias e moradores. Precisam entender que, a exemplo do que ocorre na Esplanada dos Ministérios e no Eixo Monumental, felizmente, as cicloviárias e as pistas para pedestres são úteis e não agredem a natureza, tampouco descaracterizam a condição de bairros residenciais, como alguns pensam. Ao contrário. Os ciclistas, atletas ou não, enfeitam e dão aquele ar saudável à cidade convidativa ao esporte, que mostra, como nos países asiáticos e nórdicos, que merecem respeito e proteção como todo mundo.

Uma cidade feliz é aquela em que não andamos sobressaltados, de olho no chão e assistindo a acidentes com consequências graves, como a queda constante de idosos, adultos e crianças, em calçadas cheias de degraus altos e baixos, quase invisíveis e perigosos, que formam uma colcha de retalhos, pois permitem que cada lojista coloque o piso, a cor e a textura que bem entendem, naquilo que deveria ser padronizado em todo o Distrito Federal, e com o resistente concreto usinado. "Uma cidade projetada por Lucio Costa e desenhada por Oscar Niemeyer, com

essa arquitetura que chama a atenção do mundo inteiro, não poderia jamais ostentar uma breuige de estas e submeter as pessoas aos perigos de acidentes como este!", me escreveu, certa vez, o filho de uma idosa que fraturou o braço num degrau daqueles, na 115/116 Sul. Fui ao local e fiquei horrorizada.

Uma cidade não pode ser feliz se não conseguem (ou não se importam) com o grave problema da proliferação das capivaras, portadoras da temível febre maculosa, que atacam pessoas, crianças e animais. As vítimas protestam, reclamam, esbravejam, mas solução mesmo que é bom, não encontram, mesmo sabendo que ela existe e vai funcionar, caso haja interesse do poder público e vontade de resolver.

Desculpe-me, minha querida aniversariante. Depois que decidi lhe adotar como meu segundo chão, depois de deixar minhas raízes orgulhosamente mineiras para vir me entregar a você, porque me casei com um médico idealista e sonhador, como JK, que me trouxe pra cá e, juntos, lutamos pela construção do Hospital da Criança de Brasília José Alencar e conseguimos, me sinto capaz de expor aqui nesta carta, de peito aberto e com muito amor, todos os anseios de pessoas que, durante os 21 anos desta coluna, escrevem sobre tudo o que mencionei aqui pedindo providências e me levando a prometer que um dia mencionaria aqui neste espaço precioso.

"Capital da Esperança" (como disse o Ministro da Cultura francesa Andre Malraux em sua visita a Brasília na inauguração), lhe garanto que esse é um sentimento que não me sai da cabeça há 64 anos: esperança de vê-la impecável e linda, como todos os que para cá migraram merecem. Isto é felicidade!

Parabéns, minha Brasília! Amo você. Conte comigo...

QUALIFICAÇÃO / Projeto oferece capacitação com o objetivo de impulsionar os negócios de empresários brasilienses pretos e pardos

Incentivo ao afroempreendedorismo

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

» ARTHUR DE SOUZA

Dados do estudo Empreendedorismo por Raça-cor, realizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), mostram que, até o fim do primeiro semestre de 2023, no Distrito Federal, de todos os donos de negócio, 59% eram pretos ou pardos. Só que a jornada de iniciar um empreendimento do zero sem a capacitação adequada é repleta de desafios e de incertezas, especialmente para esse público que, muitas vezes, conforme o estudo, é invisível para grande parte do mercado.

É por isso que o Instituto Multiplicidades criou o projeto Igualando Oportunidades, que propõe impulsionar o afroempreendedorismo brasiliense, reconhecendo a importância crucial dos mentores negros no processo de empoderamento e desenvolvimento dos jovens.

Por meio de palestras, workshops e mentorias com especialistas renomados, a iniciativa oferece capacitação em áreas como elaboração de plano de negócios, marketing, finanças, gestão de projetos, tecnologia da informação, programação, desenvolvimento de software, aplicativos, redes sociais e habilidades empreendedoras.

Ao **Correio**, a coordenadora e idealizadora do Igualando Oportunidades, Cristiane Pereira, conta que o projeto surgiu, inicialmente, com o intuito de fazer com que o jovem negro conquistasse um perfil de liderança, preparando-o para o mercado de trabalho. "Só que, neste ano, fomos provocados a preparar esse público não só para arrumar um emprego, mas também para



Coordenadora e idealizadora do projeto, Cristiane Pereira (D) destaca que o curso está dando bons resultados: jovens líderes negros



Quero sucesso e agora vou lutar por isso"

Sara Antônia Ferreira (centro), aluna do projeto Igualando Oportunidades

pensar em ser empreendedor de verdade", destaca.

"Foi aí que criamos a incubadora do Igualando Oportunidades. Estamos na nossa primeira turma e tivemos bons resultados, com três dos nossos alunos conseguindo levar suas

empresas para a Campus Party", detalha. "Também temos casos de alunos que receberam proposta para dar aula em determinados cursos por causa da sua startup", acrescentou Cristiane. Segundo ela, atualmente, são 20 pessoas participando do projeto.

"No fim de todo o processo, a gente espera que elas formem empresas", adianta.

Mudança

Uma das mentoras da iniciativa é Vivian Miranda, que enfatiza

a "mudança de chave" que a proposta viabiliza. "A gente tinha um curso com uma pegada mais de segurar a mão do aluno. A mentoria, agora, é no sentido de conduzi-los durante a jornada em que vão tirar, definitivamente, seus empreendimentos

do papel", ressalta. "Então, a missão da incubadora é dar um motor de propulsão e fazer com que deslanche esse negócio e a tarefa do mentor serve como esse motor de propulsão, dando dicas e ideias", assinala.

"Em uma das aulas, falamos sobre redes de negócios, instigando os alunos a fortalecerem uns aos outros: 'eu te indico, você me indica, e a roda da engrenagem acaba trazendo melhores ganhos para todos que estão atribuídos na rede", comenta Vivian. "Foi assim com muitos empreendimentos que hoje são comandados por mulheres e homens negros", reforça a mentora.

A moradora de Samambaia Sara Antônia Ferreira, 41 anos, procurou o curso para mudar de vida. "Como eu tinha muita vontade de ter mais conhecimento nessa área de empreendedorismo para, no futuro, ter um negócio, vendo toda a estrutura e conhecendo um pouco do projeto, vi que era interessante, atendia aquilo que estava buscando havia bastante tempo e, o que é melhor, voltado para o público negro", salienta.

Sara lembra que já teve um negócio que não deu muito certo e viu a necessidade de uma formação sobre empreendedorismo. "Tenho um projeto que é o Sara Sarada Refeições Saudáveis. Eu era obesa mórbida e tive de me adequar à alimentação saudável. Durante esse processo, passei a ver que falta isso fazia para o público negro, principalmente", avalia. Sobre a decisão de se aperfeiçoar, Sara analisa que "uma coisa é você ter o senso comum, outra é ter uma formação e ensinamentos que foram testados e que, comprovadamente, deram certo. Quero sucesso e agora vou lutar por isso".